



Gêneros jornalísticos e o desafio da classificação

Frederico de Mello Brandão Tavares*

Artigo recebido em:
14 de setembro de 2009

Aprovado em:
7 de maio de 2010

* Doutorando em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS, Brasil). Atualmente realiza estágio de doutorado no exterior junto à Universidad Rey Juan Carlos (URJC, Espanha) com bolsa SWE do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Jornalista e Mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG, Brasil).

fretavares@yahoo.com.br

A noção de gêneros textuais é recorrente tanto na prática quanto no ensino da profissão jornalística. E tal recorrência relaciona-se principalmente a uma questão central: o embate entre a dificuldade de se classificar os textos jornalísticos¹ e a necessidade de pensá-los a partir de certas tipologias. Uma questão que não está resolvida e que, ao longo do tempo, vem criando bases para se pensar tanto o dia a dia da produção noticiosa, quanto dimensionar o aprendizado das técnicas de redação no Jornalismo. Neste contexto, o livro *Gêneros periodísticos en prensa*, de Sonia Fernández Parrat, professora da Universidad Complutense de Madrid, tenta apontar para revisão da literatura existente sobre o assunto e procura construir uma classificação para a questão dos gêneros jornalísticos na imprensa. O resultado deste percurso, aponta a autora, “pretende ser una clasificación más renovadora que innovadora y más orientadora que normativa” (p. 108).

Cruzando autores de língua inglesa, espanhola, alemã e francesa – e uma única vez de língua portuguesa, com referência ao trabalho do brasileiro Luis Beltrão – a obra está constituída de quatro capítulos que têm por foco “superar” algumas denominações e descrições “ambíguas e incoerentes” e, também, avançar em relação às primeiras reflexões da autora, presentes em um artigo “inaugural” de suas ideias sobre o assunto².

No primeiro capítulo, “Los orígenes de los géneros periodísticos”, apresenta-se uma definição sobre o conceito de gênero e sua importância para a configuração dos gêneros na profissão jornalística e para o desenvolvimento de uma teoria sobre o jornalismo e a redação deste. Parrat destaca a importância das definições literárias para a configuração de uma noção de gênero e como a mesma influenciou o jornalismo na formulação de gêneros que lhe sejam próprios, bem como constrói uma espécie de cronologia das obras e manuais de jornalismo que, desde o século XIX, vão apontando direta ou indiretamente para a noção de gênero e para a aparição desta ideia na imprensa³.

Desde este momento, uma ideia que perpassa todo o livro é trazida e indica uma escolha realizada por Parrat: a de manter, como ponto de partida para se pensar os gêneros, a distinção entre informação e opinião.

¹ Segundo Parrat, tais dificuldades estão associadas a três grandes fatores: o fato de o Jornalismo não ser uma ciência exata, o fato de o jornalismo (como prática profissional) estar em constante mudança no tempo e no espaço, e o fato de haver, em todas as classificações, um componente subjetivo.

² Ver: PARRAT, Sonia Fernandez. “El debate en torno a los géneros periodísticos en la prensa: nuevas propuestas de clasificación”. Zer. Revista de estudios de comunicación. n.º 11. noviembre. 2001. Disponível em: <http://www.ehu.es/zer/zer11web/sferparrat.htm>. (Acesso em setembro de 2008).

³ “En realidad, los géneros no son sino herramientas que han ido surgiendo a medida que el periodismo ha tenido que responder a nuevas necesidades de la sociedad” (p. 22).

Para comprender bien lo que significan los géneros propios del periodismo es necesario tener presente, de entrada, que el periódico tiene dos funciones primordiales, las de informar sobre hechos y opinar sobre dichos hechos, y las lleva a cabo a través de textos que, según esas características, reciben la denominación de um género u outro (p. 17).

A partir deste eixo binário, a autora ainda relembra a existência de outros dois “jornalismos” que passaram a ter importância na segunda metade do século passado e que contribuíram para a configuração de tipos de texto e de estilos redacionais: o jornalismo interpretativo e o jornalismo de serviço. Destes quatro grandes “eixos orientadores” Parrat chama atenção para a existência, cada vez maior, de um hibridismo entre informação, opinião, interpretação e serviço, o que dificulta ainda mais sua catalogação dentro das “classificações tradicionais” de gênero.

No segundo capítulo, “Las classificaciones modernas”, segue-se a revisão de textos mais recentes sobre os gêneros e, ao final, propõem-se alguns critérios para uma “teoria moderna do gêneros”, que dê conta de classificar os textos jornalísticos de maneira mais abrangente.

No terceiro capítulo, “Tendências de los géneros periodísticos”, são retomados alguns aspectos da distinção entre objetividade e subjetividade no jornalismo e reafirmados alguns preceitos básicos de “classificações clássicas” e seu papel como ferramenta de orientação para jornalistas, leitores e estudantes de jornalismo na distinção entre informação e opinião. Além disso, a autora trabalha mais efetivamente sobre a questão da interpretação e do hibridismo. Para isso, chama a atenção para o ato interpretativo como elemento presente em todos os textos jornalísticos e para os momentos de sua explicitação, quando este, então, encontrar-se-ia configurado como gênero principal das reportagens e textos que “possibilitam a compreensão de um conhecimento técnico profundo ou da complexidade de um tema” (tradução nossa).

Neste capítulo também há uma passagem na qual a autora toca na questão dos estilos jornalísticos sem, no entanto, ousar diferenciar a noção da ideia de gênero, problematizando o conceito. Apenas se limita a dizer que, uma vez pensada a questão do hibridismo, haverá, proporcionalmente, muitos estilos para muitos gêneros de texto⁴.

No quarto e último capítulo, “Una propuesta de clasificación”, Parrat afirma que não quer criticar seus colegas que antes haviam pensado sobre os gêneros, mas busca, a partir da tríade informação-interpretação-opinião, focalizar alguns aspectos e critérios que permitam pensar os gêneros para além de uma “forma pura de texto”.

Parrat se diz interessada em pensar não propriamente os produtos textuais jornalísticos, mas a atitude comunicativa dos jornalistas

⁴ No final do terceiro capítulo a autora tenta caracterizar (descrevendo questões técnicas, de estilo e de estrutura) as características de um “novo gênero do jornalismo”, o “gênero ciberperiodístico”.

Nesse ponto reside um mérito da autora que, apesar de pouco presente ao longo do livro, durante suas revisões da bibliografia sobre assunto, ganha um pouco de folêgo no momento em que se busca justificar essa “nova classificação”: a problematização sobre a ideia de gênero. Parrat se diz interessada em pensar não propriamente os produtos textuais jornalísticos (como o fazem muitos autores), mas a “atitude comunicativa dos jornalistas”, buscando, para isso, pensar em dois critérios/questões para sua classificação: 1) a finalidade do texto, o que pretende o autor (informar, interpretar ou opinar); 2) e o grau de presença do autor no texto.

Diante de tal argumento, a autora elenca quatro “macrogêneros” para pensar os textos jornalísticos: a informação (“comum”, “multiple” e “reportajada”), a reportagem (reportagem, entrevista, perfil), a crônica (local e temática) e os gêneros de opinião (editorial, crítica, artigo e coluna); todos como seus respectivos subgêneros⁵. No livro, todos estes estão exemplificados com figuras de textos jornalísticos em anexo. Algo que, ao mesmo tempo que permite enxergar as opções de Parrat, confirma a linha tênue existente no ato da classificação e diferenciação entre os gêneros.

Los géneros periodísticos en prensa, além de concentrar grande parte de suas páginas na construção de uma boa revisão da bibliografia existente sobre o tema, parece deixar “resolvido”, no que diz respeito à “teoria dos gêneros jornalísticos”, alguns aspectos: 1) a necessidade dos gêneros para a realização de uma crítica teórica do jornalismo, bem como para sua prática e ensino; 2) a existência de eixos orientadores (básicos) para pensar os gêneros, sendo eles a informação, opinião e interpretação; 3) a constante mutabilidade das classificações, o que não as faz fixas; e 4) a necessidade de, em um momento de atualização de classificações existentes, buscar um ponto chave para a problematização que extrapole, como ponto de partida, a mirada empírica sobre os textos e suas evoluções.

Apesar disso, algumas questões permanecem: principalmente no que diz respeito à uma discussão mais aprofundada, ou mesmo epistemológica, sobre a diferenciação entre gênero e estilo; entre informação, opinião e interpretação. Uma exigência que pede uma discussão conceitual elaborada. E que faz com que *Géneros periodísticos en prensa* possua, mesmo cumprindo seu objetivo, uma “lógica invertida”.

Entre resoluções e ausências, o livro “resolve” aspectos da classificação, mas não toca na discussão dos conceitos-base que a cercam. Ou seja, clareia o processo e seu “fim” mas, contraditoriamente, mantém sua fonte ainda pouco inexplorada. Indica-se o desafio. E esse permanece, para a teoria, como outro.

Referência bibliográfica

PARRAT, Sonia Fernández. **Géneros periodísticos en prensa**. Quito, Ecuador: Intiyan – Ediciones CIESPAL, 2008.

⁵ A proposta da autora também deixa claro uma espécie de gradação entre a informação e a opinião, passando pela interpretação; algo bastante possibilitado pelos dois principais critérios escolhidos que, além de co-determinados, incidem diretamente na forma de redação do texto.